

PAISAGEM IMAGINÁRIA DAS CIDADES UTÓPICAS

Cristina B. Müller¹, Gabriel G. Grosskopf², Lia M. Bizzo³, Marina T. Siqueira⁴, Susan N. O. Lecuona⁵ e Soraya Nór⁶

1. Estudante voluntária da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFSC, Florianópolis/SC;
2. Bolsista PET da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFSC, Florianópolis/SC; *gabreorge@gmail.com
3. Estudante voluntária da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFSC, Florianópolis/SC;
4. Pesquisadora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UFSC, Florianópolis/SC – Co-orientadora
5. Bolsista PET da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFSC, Florianópolis/SC;
6. Pesquisadora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UFSC, Florianópolis/SC – Orientadora

Introdução

O princípio da esperança utópica é engendrado pela intenção de avançar, a antecipação daquilo que não é garantido vivenciar, mas que move a humanidade e dá sentido ao seu “vir-a-ser”.

A utopia nos faz capazes de antecipar o futuro como projeção de um presente que pode ser transformado e melhorado, especialmente em tempos que o planejamento urbano visa cidades inteligentes. A imaginação utópica é um projeto da consciência, “não é fantasia inconsequente, do contrário, deve ter consequência” (COELHO, 1981, p. 09),

Relacionar utopia com o ilusório, o delirante ou o ingênuo, faz parte da propagação do conformismo com a situação existente, chamada de ‘realidade’, concebida como única possibilidade. Significa deslegitimar a capacidade de crítica e mudança, naturalizando o existente em detrimento do novo e do possível.

No livro ‘A Regra e o Modelo’ (1985), Françoise Choay define a proposição dos modelos de cidades utópicas como um contraponto à determinação de regras ao urbanismo efetivo, servindo para a projeção de um futuro supostamente melhor. A partir da classificação da autora, definiram-se cidades a serem estudadas. Compreendeu-se e reproduziu-se graficamente os modelos de cidades utópicas estudados: os ideais do urbanismo, da organização do espaço, da articulação entre cidade e natureza, e entre sociedade e espaço de vida, na configuração dessas paisagens imaginárias.

Resultados e Discussão

Como metodologia seguida na pesquisa adotou-se a leitura de dois textos introdutórios: ‘O Que É Utopia?’ (1981), de Teixeira Coelho Netto, e ‘A Regra e o Modelo’ (1985), de Choay. Após definidas as Utopias a serem estudadas, iniciou-se um processo de debate coletivo sobre cada uma, elencando características espaciais encontradas nos textos e interpretando a possível configuração espacial imaginada pelos autores.

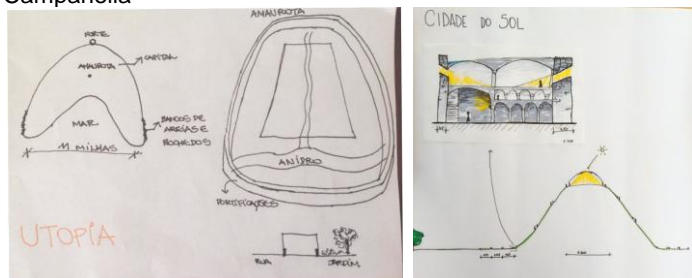
Seguindo essa diretriz, a primeira utopia estudada foi uma ilha imaginada por Thomas Morus em 1516, nomeada Utopia. Nela, o autor concebe 54 cidades com aparência idêntica, as quais se estendem por 30 quilômetros em cada direção. Amaurota (*Aircastle*), a capital da Utopia, administra toda a ilha.

A segunda cidade utópica analisada foi a ‘Cidade do Sol’ (1602) de Tommaso Campanella, idealizada espacialmente sobre uma colina com aproximadamente 3,2 km de diâmetro, que se localiza numa extensa planície. A divisão territorial da idealização de Campanella é composta por sete círculos, definidos por muralhas fortificadas que, além de protegerem a cidade contra ataques inimigos, comportam as moradias dos habitantes.

A partir da análise das duas cidades anteriormente citadas, foram propostas representações gráficas na forma de ilustrações que representassem a interpretação coletiva do grupo sobre as utopias.

Figura 1 (esquerda) – Ilustração esquemática da ilha de Utopia, de Morus

Figura 2 (direita) – Ilustração esquemática da Cidade do Sol, de Campanella



Fonte: acervo da pesquisa.

Conclusões

Estudando-se as propostas de cidades utópicas e suas respectivas organizações sócio-espaciais apresentadas junto ao exercício de espacialização dessas ideias, foi possível estreitar a relação entre o utópico e o construído. Assim, entende-se que o espaço real é elaborado a partir de ideais que permeiam a busca por cidades inteligentes, que conciliem as necessidades de seus habitantes e do ambiente em que estão inseridas.

Além disso, através dos estudos realizados, concluiu-se que as utopias estudadas foram propostas como modelos que seguem apenas a visão de seu pensador, uma abordagem um tanto impositiva, baseada nas experiências subjetivas do autor. No entanto, elas permitem pensar em um número maior de alternativas, tanto para a vida em sociedade quanto para a natureza que a envolve. Essa ideia dá suporte à desconstrução de paradigmas consolidados, promovendo um Urbanismo não só do existente, mas das possibilidades.

Palavras-chave

Cidade, utopia, urbanismo

Instituição de apoio

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Referências

- CAMPANELLA, Tommaso. Cidade do Sol. Rio de Janeiro: Ciberfil Literatura Digital, 2002.
- CHOAY, Françoise. A Regra e o Modelo: Sobre a Teoria da Arquitetura e do Urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 1985. (Urbanismo).
- MORUS, Thomas. Utopia. Florianópolis: Ridendo Castigat Mores, 2001.
- NETTO, José Teixeira Coelho. O que é Utopia? São Paulo: Brasiliense, 1981. 98 p. (Coleção Primeiros Passos).